

## **A difusão do conhecimento identitário: relato de experiência como participante do grupo de estudos do Coletivo de Mulheres Negras Beatriz Nascimento**

Daniele Rosa Monteiro<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo apresenta um relato que tem como objetivo descrever a experiência como Coordenadora e participante do grupo de estudos do Coletivo de Mulheres Negras Beatriz Nascimento da Universidade Federal da Fronteira Sul. Trata-se de um projeto de extensão e cultura, que teve início em 2021 e se mantém vigente e em crescimento. A iniciativa para formação do coletivo partiu de três acadêmicas negras que apontaram como demanda a ausência de espaços para o debate de questões étnico-raciais, em especial pautas voltadas para a mulher negra na academia, dentro da universidade. O grupo de estudos é uma das ações promovidas pelo Coletivo Beatriz Nascimento, coordenado por uma bibliotecária e tem como objetivo conhecer as obras de intelectuais negras, cujas produções acadêmicas ainda permanecem silenciadas. Justifica-se a relevância de compartilhar essa experiência pela necessidade evidenciada, representada na iniciativa das alunas negras, de denunciar o quanto ainda as mulheres negras carecem de espaço na universidade. E contribuir com o debate que problematiza o quanto a produção acadêmica e científica de pesquisadores negros é desconsiderada entre os pares. Sobretudo, a importância desse relato reside em salientar a relevância da prática de difusão dos saberes identitários, como forma de permanecer com a luta pela emancipação social, democratização e igualdade de oportunidades. Ao relacionar o coletivo formado por mulheres negras e a proposta do grupo de estudos protagonizado por estas mulheres, conclui-se que esta se configura em uma estratégia de acolhimento, de sociabilidade e de apoio para a permanência dessas mulheres negras na universidade.

**Palavras-chave:** Mulheres negras – Ensino Superior; Mulheres negras – Aspectos sociais; Coletivo de Mulheres Negras; Intelectuais negras; Coletivo Beatriz Nascimento

### **1 INTRODUÇÃO**

A ocupação das universidades brasileiras como espaço de formação por mulheres negras se deu por meio de intensas mobilizações sociopolíticas, promovidas pelo Movimento Negro brasileiro, como forma de reivindicar a igualdade de direitos cívicos e humanos.

---

<sup>1</sup> Mestrado em Gestão de Unidades de Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação da Universidade do Estado de Santa Catarina. (PPGInfo/UDESC). Graduação em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Rio Grande (FURG). Especialização em Gestão de Arquivos pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Bibliotecária da Biblioteca da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS – *Campus* Erechim/RS). E-mail: [daniele.monteiro@uffs.edu.br](mailto:daniele.monteiro@uffs.edu.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5094-3643>

Referente ao direito à educação e a efetivação de políticas públicas, Gomes (2017, p. 50) observa que foi a partir do ano de 2000 que “a luta do Movimento Negro ganha visibilidade nacional e política” transformando a “relação do movimento com a sociedade.”<sup>2</sup>

Nesse novo processo, o movimento se destaca pela sua atuação na esfera jurídica, política, social e econômica, via a cobrança da garantia de oportunidades iguais e do direito à educação, assim como na esfera acadêmica, via demanda pela implementação das políticas públicas de ações afirmativas; notadamente na questão das cotas raciais.

A aprovação da Lei nº 12.711, conhecida como a Lei das cotas, é, portanto, um exemplo de conquista que marca essa trajetória de luta histórica do Movimento Negro. A referida lei dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio para pretos, pardos, indígenas, pessoas com deficiência e estudantes de escola pública (Brasil, 2012). A partir dessa normativa legal, várias mulheres negras tiveram a oportunidade de ingressar no ensino superior.

No entanto, mesmo com a institucionalização das cotas raciais e as políticas afirmativas para inclusão de mulheres negras nas universidades, há outras questões desafiadoras para estas mulheres no decorrer do percurso acadêmico. Como os principais desafios enfrentados após o ingresso nesse espaço, cita-se: a falta de representatividade no corpo docente e discente, sendo a acadêmica por vezes a única mulher negra do curso ou da turma, falta de acolhimento no grupo, racismo velado ou ostensivo.

A realidade da mulher negra também é marcada, historicamente, pela opressão de raça, classe e gênero. Neste sentido, pode-se pensar a universidade como um espaço de resistência. Não somente pelas barreiras que se antepõe ao ingresso, mas sobretudo, porque mulheres negras quando ingressam na universidade carregam impresso em seus corpos um compromisso não só intelectual, mas político. Esse compromisso nem sempre é consciente, mas permeia a trajetória da mulher negra. Esse fato pode ser observado na afirmativa de Nascimento (2021, p.19) “o questionamento do racismo e seus efeitos, do mito da democracia racial e das condições de vida da população negra ganha contornos especiais na escrita de mulheres negras que tratam da corporeidade, da subjetividade, das famílias e comunidades.”

---

<sup>2</sup> Cabe destacar que Gomes (2017, p. 35) faz uma observação de que “a luta pelas políticas de ações afirmativas faz parte das discussões internas desse movimento social desde os tempos da atuação política de Abadias do Nascimento (1914-2011)”. Mas, que somente com a visibilidade nacional e política, foi possível a efetivação na esfera jurídica, imbuída pela politização da raça e a reivindicação pelo reconhecimento à diversidade étnico-racial. Ocasionalmente “modificações internas na estrutura do Estado”. (Gomes, p.34).

Portanto, a complexidade da construção do saber, em especial para as mulheres negras, está na oferta de uma formação que deve ter obrigatoriamente caráter emancipatório e reparador. O desafio posto para que esse processo de formação ocorra nesse molde é, asseguradamente, a desconstrução do padrão eurocêntrico<sup>3</sup> que constitui a sociedade brasileira como um todo, logo, sendo este um elemento intrínseco também no âmbito científico/acadêmico.

Assim corrobora Kilomba (2019 p. 53):

Qualquer forma de saber que não se enquadre na ordem eurocêntrica de conhecimento tem sido continuamente rejeitada, sob o argumento de não constituir ciência creditável. A ciência não é, nesse sentido, um simples estudo apolítico da verdade, mas a reprodução de relações raciais de poder.

Nesse mesmo sentido, Ratts (2019, p. 19) afirma que a academia é também marcada pela desigualdade e são muitos os mecanismos para a manutenção desta relação de poder. “Um deles é a recusa ou desqualificação do saber militante ante o saber acadêmico intelectual. Outro é a deslegitimação da produção negra, com exceção de alguns autores que ganham prestígio nacional ou internacional.”

Essa problemática se reflete no meio acadêmico, precisamente nos currículos, em que pode ser observada na rara menção ou ausência de autores negros nas bibliografias dos cursos. Neste sentido Ribeiro (2019, p. 63) afirma que “os sinais de apagamento da produção negra são evidentes”. É neste contexto que nasce o Coletivo de Mulheres Negras Beatriz Nascimento. Uma iniciativa que partiu das inquietações de acadêmicas negras e que foram compartilhadas e acolhidas por duas servidoras também negras. Esse estreitamento e identificação entre esse grupo de mulheres negras acadêmicas, resultou no projeto de extensão e cultura da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Dentre as ações e eventos realizados pelo coletivo, destaca-se nesse relato de experiência o grupo de estudos, que no contexto ora aqui desenhado, pode ser visto como uma ação que fomenta a difusão de saberes identitários a partir da perspectiva da intelectualidade

---

<sup>3</sup> O eurocentrismo fundamenta-se, segundo Bento (2022, p. 28-29) “na visão do europeu sobre os não europeus [...]”, colocando-se como o “homem universal”. “Os colonizadores europeus sempre destacaram a cor da pele como base principal para distinguir status e valor. As noções de bárbaros, pagãos, selvagens e primitivos evidenciam a cosmologia que orientou a percepção eurocêntrica do outro nos grandes momentos de expansão territorial da Europa. [...] Os Europeus, brancos, foram criando uma identidade comum que usou os africanos, negros, como principal contraste. A natureza desigual dessa relação permitiu que os brancos estipulassem e disseminassem o significado de si próprios e do outro através de projeções, exclusões e negações e atos de repressão.”

negra e também de suas vivências. A proposta do grupo de estudos é dar voz às intelectuais negras, cujas obras não são contempladas nos currículos dos cursos de graduação e pós-graduação. As obras de autoras negras como Lélia Gonzales, Sueli Carneiro, Angela Davis, Patrícia Hill Collins, bell hooks, Cida Bento entre outras, têm se destacado na comunidade acadêmica e resistem nestes espaços de formação por meio do ativismo e a militância organizados pelos coletivos formados por pessoas negras dentro das universidades.

Este relato tem como objetivo compartilhar a minha experiência como coordenadora do Coletivo de Mulheres Negras Beatriz Nascimento e a percepção como participante ouvinte do grupo de estudos. Fundamenta-se teoricamente este relato, em torno da premissa: O movimento negro é um educador: e os saberes construídos na luta por emancipação, título da obra da antropóloga Nilma Lino Gomes, que teve sua primeira edição no ano de 2017.

## **2 OS SABERES IDENTITÁRIOS DIFUNDIDOS PELO MOVIMENTO NEGRO COMO GERADOR DE CONHECIMENTO**

A Ciência da Informação, cuja natureza é interdisciplinar, tem como objeto central de estudo a produção, a sistematização, a circulação e o uso da informação. Há, no entanto, uma complexidade em torno do conceito de informação. Assim, cabe mencionar que neste relato de experiência, a relação que se pretende estabelecer em torno da difusão dos saberes identitários e informação deve ser entendida pela perspectiva do paradigma social, definido por Capurro (2023), como um fenômeno social. Seguindo pela mesma linha de pensamento de Araújo (2010, p. 97), afirmando que “a informação não é produto de uma mente única, isolada, mas construída pela intervenção de vários sujeitos e pelo resultante de suas diversas práticas.”

Essa dinâmica de difusão da informação e produção do conhecimento, sob a perspectiva do paradigma social, pode ser perfeitamente observada na obra O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação de autoria da antropóloga Nilma Lino Gomes (2017). Os saberes a que a autora se refere são oriundos das relações sociais estabelecidas por este grupo. Ainda de acordo com a autora, esses saberes são parte do processo formativo e emancipatório que se deu por meio de ações constituintes da experiência

social promovida pelo Movimento Negro. E é aí que reside a importante relação entre informação, os saberes identitários e a geração do conhecimento.

Gomes (2017, p. 72), destaca que durante muito tempo “intelectuais se recusavam a debater e discutir sobre raça, racismo e relações raciais”, no entanto, percebe-se que mesmo em estado incipiente, esse cenário vem se alterando. Fato que decorre da necessidade de conhecer e garantir os direitos dos negros e as ações afirmativas para sua efetivação, ou seja, uma necessidade motivada por questões sociopolíticas e que não podem mais ser ignoradas. Assim, “os saberes políticos construídos e sistematizados pelo Movimento Negro entram em ação, dialogando com outros saberes e ignorâncias.” (Gomes, 2017, p. 72).

Nesse sentido questiona-se: frente a compreensão do apagamento da história da cultura, da ciência e da contribuição de toda uma etnia para a construção da sociedade brasileira, qual é a importância da difusão desses saberes para a população negra? Há de se pensar que para a formação da consciência cívica, a consciência das desigualdades institucionalizadas sofridas pelos negros na sociedade e a reivindicação desses direitos, perpassam por essas informações. Indo além, há de se pensar também na (re)construção da identidade dessa etnia, que está marcada na história e atestada por longos anos pela ciência como inferior, sofrendo de um apagamento proposital de seus feitos e costumes.

A relação do Coletivo Beatriz Nascimento com a dinâmica do Movimento Negro como um educador, trazido na obra de apoio teórico: O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação, está na intenção de difundir as obras das intelectuais negras e discutir essas temáticas sob a perspectiva dessas mulheres. Essa ação promove não só o conhecimento da produção acadêmica, mas também proporciona a formação de identidade, o conhecimento da história não contada, a consciência racial e política. Elementos que têm influência direta sobre o reconhecimento de direitos civis e humanos, na luta e manutenção pelos direitos adquiridos, pela busca de igualdade e de justiça e pela vigília constante da democracia.

### **3 COLETIVO MULHERES NEGRAS BEATRIZ NASCIMENTO: O ENCONTRO**

Em 2021 a diretoria de extensão e cultura fez um convite para servidores e alunos com a intenção de formar a equipe organizadora da semana do 20 de novembro, data que faz

alusão ao falecimento de Zumbi dos Palmares, instituída pela Lei Federal 12.519 de 10 de novembro de 2011. Como resultado, o grupo de trabalho foi composto por uma professora, que ocupava na ocasião a função de diretora de cultura do *campus*, cinco técnicos administrativos em educação e três alunas voluntárias. Assim, formamos a comissão organizadora e a programação da semana que passou a ser denominada SER AFRO - Semana da Resistência: articulando falas, reivindicando origens e descolonizando mentes, começa a ser pensada. A programação do evento teve como objetivo explorar aspectos do ser afro, trazendo para o debate questões como religiosidade, a resistência das mulheres negras e a visibilidade dos negros na universidade. (Universidade Federal da Fronteira Sul, 2021, on-line).

A edição de 2021 foi organizada com parceria entre a Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS) - *Campus* Erechim (RS), o Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS) - *Campus* Erechim (RS) e com o Movimento Étnico-Cultural dos Negros de Erechim (MENE). Assim, cada instituição se propôs a trazer uma atividade e convidados enriquecendo a programação e ampliando o alcance do evento, que ocorreu no formato on-line.

Uma das rodas de conversa, parte da programação, contemplou as questões das mulheres negras, intitulada Mulheres Negras: desafios, lutas e empoderamentos e teve como convidada a professora doutora Isabel dos Santos, mulher negra, para contar sua trajetória na docência e relatar os resultados de suas pesquisas sobre essa temática. Nos organizamos para compor a mesa e mediar esse debate, sendo necessário estudar e discutir a temática. Nessa dinâmica, fomos percebendo como os desafios de ser mulher negra em nossa sociedade nos atravessa e nos aproxima.

Motivadas pela necessidade de contribuir para a transformação dessa problemática e principalmente pela falta de um espaço para o debate das pautas das mulheres negras, as acadêmicas propuseram a organização do coletivo como forma de permanecer com o debate na universidade que até então era pensado somente na data do 20 de novembro. A produtora cultural do *campus* endossando a pertinência na proposta, iniciou os trâmites para a institucionalização. Assim, a iniciativa das acadêmicas foi transformada em um projeto de cultura e permanece vigente e em crescimento. Atualmente o coletivo conta com uma coordenadora, quatro colaboradoras e duas alunas bolsistas.

#### **4 O GRUPO DE ESTUDOS PROMOVIDO PELO COLETIVO BEATRIZ NASCIMENTO**

A formação de grupos de estudos no âmbito acadêmico é uma prática comum. Pode-se dizer que é um meio de acrescentar leituras e se aprofundar em temas e autores que não foram escolhidos para fazer parte das ementas dos cursos, mas, que são consideradas importantes para estudiosos de determinada área e possibilitam discutir certas temáticas, pontos de vista diferentes e afins, entre outras motivações, enriquecendo a formação acadêmica.

No caso do grupo de estudos organizado pelo Coletivo de Mulheres Negras Beatriz Nascimento, além das razões mencionadas no parágrafo anterior, há o interesse e a necessidade de se aprofundar no estudo de obras de intelectuais negras. Isso porque são produções que versam sobre a condição dos negros na sociedade, sobre a identidade de um povo, sobre a história não contada ou deturpada pela visão do colonizador. São obras produzidas por mulheres negras, que trazem sobretudo, a percepção e a realidade vivenciada pela mulher negra na sociedade.

Nesse sentido, Gomes (2017, p. 76) destaca que os coletivos que se organizam nas universidades tendem a serem mais efetivos nas instituições para representar as demandas dos alunos negros “do que as formas convencionais do movimento estudantil.” Além disso, importa mencionar que:

Esses coletivos são responsáveis por retomar a leitura de autoras e autores negros brasileiros e estrangeiros que refletem sobre o racismo, feminismo negro, relações raciais e educação, muitos dos quais não tinham suas obras conhecidas nem estudadas nas licenciaturas e bacharelados.

Dentro dessa perspectiva, a proposta do primeiro ciclo do grupo de estudos foi conhecer a obra “Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento”, de autoria do geógrafo e antropólogo Alex Ratts. Como o título sugere, o livro conta a trajetória da vida de Beatriz Nascimento, perpassando pela experiência acadêmica da mulher que inspirou o nome do coletivo (Ratts, 2006).

Maria Beatriz do Nascimento nasceu em Aracaju, Sergipe, em 12 de julho de 1942. Graduou-se em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 1971. Foi uma mulher negra acadêmica, ativista, poetiza e intelectual. Na sua trajetória como militante

defendeu as questões humanas do “ser negro” na sociedade e no percurso histórico que apaga a contribuição do negro para a construção social, cultural, política e econômica do Brasil. (Ratts, 2006).

O estudo da obra foi dividido em 4 sábados e os encontros ocorreram mensalmente. O primeiro encontro aconteceu na manhã do dia 12 de março de 2022, na modalidade *online*. Participaram 12 mulheres e 2 homens. Neste encontro houve um convite à reflexão e ao debate a partir da leitura dos primeiros capítulos do livro. Iniciou-se a conversa com algumas perguntas que foram realizadas aos participantes presentes. As questões foram propostas por duas mediadoras, integrantes do coletivo que se voluntariaram para conduzir esta atividade. As questões trabalhadas foram: o que é ser mulher? E em que situação eu acabei me deparando como mulher? A discussão foi bastante relevante e diferentes pautas emergiram a partir destes questionamentos.

Avalia-se que houve uma boa receptividade do público presente, que se manifestou respondendo às questões e enriquecendo o debate. Percebeu-se nessa troca de experiências individuais que as dificuldades enfrentadas pela mulher negra para o acesso à educação, no transitar pelo meio acadêmico e se colocar no mercado de trabalho em funções de não subserviência, são dificuldades comuns às mulheres negras. Além destas, os participantes apontaram outros temas que também tiveram espaço no debate no momento do estudo, tais como: a hipersexualização dos corpos negros, violência obstétrica, questões da estética negra e autoestima.

Para o fechamento do grupo de estudos foi realizado um “cine debate”. Neste momento foi apresentado o documentário<sup>4</sup>, *Ori e o negro da senzala ao sul*, organizado pela Beatriz Nascimento e publicado em 1989. O evento foi presencial e aberto para a comunidade externa. A sede foi o Centro Cultural Africano da cidade de Erechim/RS. O documentário tem como tema central a conceituação dos quilombos e sua continuidade histórica, uma temática a qual a historiadora Beatriz Nascimento se dedicou a aprofundar-se em seus estudos. No documentário ela traz elementos da cultura do negro, como: o carnaval, a religião, danças, gêneros musicais, vestimentas e o cabelo, como forma de identidade étnica e manifestação da ancestralidade.

<sup>4</sup> De acordo com Ratts (2006, p. 28) é o seu trabalho mais reconhecido e de maior circulação, trata-se da autoria e narração dos textos do filme *Ori* (1989), dirigido pela Socióloga e cineasta Raquel Gerber. Essa película documenta os movimentos negros brasileiros entre 1977 e 1988, passando pela relação entre Brasil e África, tendo o quilombo como ideia central.

Após a exibição, ocorreu o debate mediado pelas integrantes do coletivo. Os participantes trouxeram suas contribuições e o diálogo se estendeu em torno da apropriação da cultura africana e o descrédito da influência dessa cultura para a formação dos costumes brasileiros no decorrer da história do país.

Para dar continuidade ao grupo de estudos em 2023<sup>5</sup>, o coletivo escolheu a obra: Por um feminismo Afro-Latino-Americano: ensaios, intervenções e diálogos, uma coletânea organizada por Flávia Rios e Márcia Lima, que reúne em ordem cronológica os ensaios de autoria de Lélia Gonzales, produzidos durante as décadas de 1975 e meados de 1990.

Lélia de Almeida Gonzalez, nasceu em 1935 em Belo Horizonte/MG, foi uma mulher intelectual negra de forte atuação política e militante contra o racismo e o sexismo no Brasil e também no exterior. Licenciada em Filosofia e História, mestre em Comunicação, atuou como professora de Antropologia e Cultura Popular Brasileira em instituições como a Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e a Pontifícia Universidade Católica (PUC). Foi uma das fundadoras do Movimento Negro Unificado (MNU) e do Coletivo de Mulheres Negras Nzinga em 1983 (Gonzales, 2020).

Os ensaios de Lélia trazem uma diversidade de temas em torno do negro e principalmente da mulher negra. Considerada a precursora do feminismo negro no Brasil, pode-se dizer que estudar parte de sua obra (4 ensaios até o presente momento), revela sobretudo o quanto a mulher negra contribuiu para a visibilidade do negro na sociedade. Além disto o quanto está mesma mulher sofre pela violenta estrutura social que ainda se mantém. Gonzales (2020, p.58) afirma “ser negra e mulher no Brasil, repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e sexismo a colocam no nível mais alto de opressão.”

Por fim, menciono que as autoras Beatriz Nascimento e Lélia Gonzales, escolhidas pelo coletivo para iniciar o grupo de estudos, são intelectuais de fundamental importância para os estudos sobre a organização dos quilombos e sobre o feminismo negro no Brasil. Contemporâneas, partilharam dos mesmos desafios na academia e no seu entorno social. Apesar de ativas politicamente e reconhecidas internacionalmente, tiveram suas obras, e suas

---

<sup>5</sup> O grupo de estudos realiza as atividades mensalmente, está vigente até o momento, logo ainda não há como relatar a experiência do grupo de 2023, pois, não houve encerramento e o relatório final da atividade será apresentado em fevereiro de 2024.

vozes igualmente, abafadas no “espaço acadêmico nas décadas de 1970 e 1980”. No entanto, constituem “a base dos movimentos antirracista e feminista.” (Ratts, p. 19).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência como ouvinte do grupo de estudos organizado pelo coletivo Beatriz Nascimento me proporcionou novas perspectivas sobre reflexões presentes há muito no meu cotidiano como mulher negra. Entre estas reflexões destaco a relação entre a difusão da informação e dos saberes identitários como gerador de conhecimento. Esses saberes que ao serem sistematizados pelo Movimento Negro em uma atuação sociopolítica e que se constituem como um importante instrumento fomentador pela busca e pela manutenção de direitos.

O acesso ao conhecimento, sobretudo, o acesso mediado, me fez, enquanto mulher negra, entender meu lugar nesta sociedade. Me possibilitou problematizar como sou representada na sociedade, os mecanismos de opressão de uma sociedade patriarcal, o silenciamento proposital dos negros na história da nação, a deturpação da história de meus ancestrais, as batalhas travadas dentro do movimento feminista. Através do acesso ao conhecimento, foi possível compreender a “violência estrutural e institucionalizada” a qual os negros são submetidos. A violência que desumaniza a mulher negra, e que ainda hoje é vista com naturalidade pela sociedade.

Foi também por meio do acesso à informação e ao conhecimento que entendi que as pautas das mulheres negras sempre foram diferentes das pautas elencadas pelo feminismo na sua gênese. E por fim, entendi que quando falamos em mulher negra, falamos da mulher negra lésbica, da mulher negra trans, enfim. Considero urgente e necessário combater toda a forma de violência e exclusão, oriundas de preconceitos de raça, gênero e orientação sexual, que estão enraizados, na estrutura social, tornando a problematização árdua e uma luta constante.

Quanto a experiência como coordenadora do Coletivo me fez refletir sobre a responsabilidade que as instituições de ensino devem assumir para que essa realidade seja transformada. Pois, mesmo com a Lei nº 12.711, lei das cotas e a Lei 10.639, que estabeleceu a obrigatoriedade no currículo das redes de ensino a história e Cultura Afro-Brasileira, fica

evidente que os coletivos se formam no sentido de se fortalecerem, em uma estratégia não formal de apoio e acolhimento para permanecerem nas universidades e concluírem o processo de formação. Há mais nessa dinâmica do que só identificação étnica e construção de identidade, há demandas não atendidas e direitos não respeitados.

As universidades federais têm como compromisso pedagógico, social e político formar cidadãos capazes de combater as desigualdades sociais, econômicas, culturais e ambientais. O desenvolvimento científico, tecnológico e humano, têm a educação como base construtora. Além disso, se configuraram em um espaço de democratização do acesso à formação superior pública e de qualidade, garantindo a participação dos diferentes sujeitos sociais. (UFFS, 2023).

Para que isso seja possível, fomentar ações culturais, que tenham como foco a inclusão e a diversidade são basilares para a efetivação de uma educação pautada na equidade. No entanto, para uma educação antirracista, a legislação deve ser rigorosamente respeitada e efetivada. Assim, importa um corpo docente também diverso e qualificado, professores negros e não negros que tenham em suas agendas de pesquisa a temática das relações étnico-racial e suas implicações na sociedade e na vida da população negra.

Por fim, destaco que a importância da formação do Coletivo Beatriz Nascimento, ora aqui relatada de forma breve, reside na denúncia de uma realidade vivenciada em muitas instituições de ensino superior no país. Também, se justifica pela receptividade das acadêmicas e simpatizantes da comunidade externa que relataram há muito sentir a necessidade de um espaço para dividir as suas experiências e angústias e sentirem-se compreendidas, recebendo o acolhimento sempre que necessário.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. O conceito de informação na Ciência da Informação. João Pessoa, **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 20, n. 3, p. 95-105, set./dez. 2010. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/92189>. Acesso em: 10 ago. 2023.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira",

e dá outras providências. Disponível em:

[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/2003/L10.639.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm). Acesso em 5 de ago. 2023.

BRASIL. **Lei nº 12.519, de 10 de novembro de 2011.** Institui o Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2011/lei/112519.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/112519.htm). Acesso em: 10 ago. 2023

BRASIL. **Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012.** Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Disponível em [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm). Acesso em 6 ago. 2023.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e ciência da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação e Biblioteconomia, 2003. Disponível em: [http://www.capurro.de/enancib\\_p.htm](http://www.capurro.de/enancib_p.htm). Acesso em: 10 ago. 2023.

GONZALES, Lélia; RIOS, Flavia, LIMAS, Márcia (org.). **Por um feminismo afro-latino-americano:** ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro Educador.** Saberes construídos na luta por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação:** episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

NASCIMENTO, Beatriz; RATTTS, Alex (org.). **Eu sou atlântica:** sobre a trajetória de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.

NASCIMENTO, Beatriz; RATTTS, Alex (org.). **Uma história feita por mãos negras:** relações raciais, quilombos e movimentos. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual antirracista.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL. Campus Erechim promove evento alusivo à semana da Consciência Negra. Disponível em: <https://www.uffs.edu.br/campi/erechim/noticias/campus-erechim-promove-evento-alusivo-a-semana-da-consciencia-negra-2022>. Acesso em 5 set. 2023.

## **The dissemination of identity knowledge: an account of my experience as a participant in the study group of the Beatriz Nascimento Black Women's Collective**

**Abstract:** The aim of this article is to describe my experience as coordinator and participant in the study group of the Beatriz Nascimento Black Women's Collective at the Federal University xxxxxxxxxxxx. This is an extension and cultural project that began in 2021 and is still ongoing and growing. The initiative to form the collective came from three black women academics who pointed out the lack of spaces for debating ethnic-racial issues, especially agendas aimed at black women in academia, within the university. The study group is one of the actions promoted by the Beatriz Nascimento Collective, coordinated by a librarian, and aims to learn about the works of black intellectuals whose academic productions are still silenced. The relevance of sharing this experience is justified by the evident need, represented in the black students' initiative, to denounce how much black women still lack space at university. And to contribute to the debate that problematizes the extent to which the academic and scientific production of black researchers is disregarded among their peers. Above all, the importance of this report lies in highlighting the relevance of the practice of disseminating identity knowledge as a way of continuing the struggle for social emancipation, democratization and equal opportunities. By relating the collective made up of black women and the proposal of the study group led by these women, it can be concluded that this is a strategy for welcoming, socializing and supporting these black women to remain at university.

**Keywords:** Black women - Higher education; Black women - Social aspects; Identity knowledge; Dissemination of knowledge; Black Women's Collective.